

Discursos midiáticos e os estereótipos sobre a velhice

Media discourses and stereotypes about old age

Nádia Cristina Sampaio¹✉, Luciana Araújo dos Reis



Esse ensaio resulta da averiguação das capas de revistas, ISTOÉ e QUEM, que tratam do envelhecimento e da velhice. Dessa maneira, o objetivo primordial é analisar como a mídia brasileira reforça os estereótipos da velhice com base nos pressupostos do método de Análise do Discurso, de linha francesa. Para tanto, utilizou-se da Internet como ferramenta de busca a fim de selecionar as mencionadas capas e, assim, avaliar os enunciados e imagens dispostos nas edições. Diante disso, surge uma indagação: quais as contradições presentes nos discursos sobre a velhice? Isto posto, constata-se que existe uma negação da velhice ao considerar o idoso(a) como um sujeito que deve possuir as características próprias da juventude em contraponto aos aspectos físicos de uma pessoa que envelheceu. Os discursos sobre a velhice atravessam os enunciados e as imagens contidas nas capas das revistas avaliadas. Neste sentido, verificou-se que os significados e sentidos a respeito da velhice estão arraigados na vida cotidiana, sob a égide do capital.

Velhice. Idoso(a). Mídia. Discurso

This essay results from the investigation of the covers of magazines, ISTOÉ and QUEM, which deal with aging and old age. Thus, the primary objective is to analyze how the Brazilian media reinforces the stereotypes of old age based on the assumptions of the Discourse Analysis method, from the French Line. For this, the Internet was used as a search tool to select the covers and, thus, evaluate the statements and the images in the editions. In view of this, a question arises: what are the contradictions present in the speeches about old age? That said, it appears that there is a denial of old age when considering the elderly (a) as a subject who must have the characteristics of youth as a counterpoint to the physical aspects of a person who has aged. The speeches about old age cross the statements and the images contained on the covers of the evaluated magazines. In this sense, it was verified how the meanings and senses regarding senility are ingrained in everyday life, under the aegis of capital.

Old age. Elderly. Media. Speech

Introdução

O processo de envelhecimento deriva inúmeras expectativas. Algumas estão atreladas ao sistema econômico e previdenciário. Outras, ligam-se aos aspectos culturais e ao contexto histórico-social a que o sujeito idoso esteja inserido. Por conseguinte, sabe-se que a velhice não se restringe apenas a uma escala cronológica, mas está atrelada a uma diversidade de fatores analíticos, tais como: cultura, etnia, político e está associada também ao gênero. Debret (2004) julga importante tratar o assunto sob novas perspectivas a fim de dar conta das diversas esferas que cercam a velhice.

À vista disso, é fundamental pensar sobre a velhice pois os idosos(as) estão cada vez mais atuantes na vida social e ocupam espaços (materiais e imateriais) nas áreas urbanas, no mercado de trabalho – sobretudo, na informalidade. Félix (2016) lembra que o trabalhador aposentado é restituído ao mercado de trabalho em situação trabalhista débil, dado que os idosos(as) têm se apropriado de atividades que nem sempre estão ligadas ao mercado de trabalho formal.

A mudança demográfica brasileira também aponta para o fenômeno da feminização da velhice por causa da maior longevidade das mulheres. Neste caso, elas estão buscando novas atitudes e relações entre as gerações. Contudo, algumas imagens representativas da velhice são notadas como sinônimo de ineficiência, invalidez, dependência e solidão, dentre tantos aspectos negativos. Por outro lado, é observada uma relação da velhice com o rejuvenescimento corporal como uma condição indispensável para um envelhecimento de sucesso. Logo, vê-se que a velhice é uma construção social e, como tal, reflete todas as limitações impostas a essa categoria.

Dessa maneira, a questão norteadora que se propõe analisar se insere na leitura dos discursos sobre a velhice veiculados nas capas de revistas, previamente selecionadas, que serão apresentadas e discutidas no texto. O objetivo central é verificar como a velhice é negligenciada nos discursos midiáticos, uma vez que a linguagem utilizada nas imagens e enunciados estão repletos de ideologias e é um sistema de significação da realidade (BRANDÃO, 2012).

Nesse viés, a mídia tem um papel importante na mediação dos discursos sociais, pois ela está presente no cotidiano por meio da televisão, dos jornais, revistas e internet, rádio etc. Essa presença contínua opera de forma expressiva na formação de opiniões, na manutenção de estereótipos e representações sociais as mais variadas. Os enunciados e imagens explorados são transpassados pela lógica do sistema capitalista que promovem a invisibilidade da velhice na sociedade hodierna.

Por consequência, vê-se que o discurso e/ou os discursos sobre a velhice estão envoltos de concepções, de silenciamentos que contêm as memórias sociais que são edificadas ao longo do tempo. Segundo Orlandi (2017), para que as palavras façam sentido é necessária uma significação anterior e que produza uma memória discursiva.

Para tanto, este artigo consta do método e da metodologia utilizadas nas análises. Em seguida, são apresentados os temas do envelhecimento populacional, da feminização e a construção social da velhice. Ainda de acordo com a posposta de investigação, algumas imagens são exibidas com o intuito de conhecer os discursos que as atravessam e, como esses, promovem a ocultação da velhice. Nas considerações finais, propõem-se reflexões quanto a necessidade de ampliar as possibilidades de reconstrução social da velhice na contemporaneidade.

Materiais e método

Para esta investigação usou-se o método de Análise do Discurso, de linha francesa. Alguns conceitos como formação discursiva, memória discursiva e discurso são abordados ao longo do texto para um melhor entendimento dos discursos que se referem à velhice nas publicações escolhidas. Todos os periódicos datam a partir do ano 2000. A escolha desse ano se justifica em função das previsões populacionais que davam conta das grandes mudanças demográficas, especialmente na realidade brasileira, relacionadas ao processo de envelhecimento.

Para tal fim, foram selecionadas capas de três revistas que versavam sobre o envelhecimento e a velhice. Elas continham imagens tanto de mulheres como homens idosos e, igualmente, compunham enunciados sobre o tema. O contexto histórico que se levou em conta foi a conjuntura capitalista que julga a imposição do escamoteamento da velhice frente às suas dificuldades inerentes do envelhecimento populacional.

As revistas escolhidas foram: revista ISTOÉ, duas edições, e uma da revista QUEM. A primeira é um periódico semanal fundada em 1976 e atualmente é publicada pela Editora Três. A segunda é uma publicação da Editora Globo. É uma revista publicada em solo brasileiro e que enfoca assuntos sobre as celebridades em evidência tanto no país quanto fora dele. É publicada no portal O Globo, no endereço eletrônico globo.com.

Por meio de um levantamento empreendido na internet que se baseou no tema que se referia a velhice tanto de mulheres quanto de homem, as capas foram escolhidas com o intuito de averiguar quais os sentidos conferidos a velhice e ao processo de envelhecimento nas imagens e nos enunciados. Desse modo, traçou-se um paralelo entre os elementos linguísticos, sociais e as questões pertinentes a velhice e a sua negação.

Resultados e discussão

Envelhecimento populacional, feminização da velhice e a construção social da velhice

No ambiente urbano as modificações populacionais são visíveis e o trabalho (formal-informal, produtivo-improdutivo) é a mola propulsora desse arranjo. Carlos (2018) afirma que o espaço para o capitalismo se torna uma mercadoria como todos os produtos do trabalho humano. Isso implica, na lógica do capital, que as mutações na estrutura etária da população podem afetar toda a cadeia produtiva, pois requer novos rearranjos socioeconômicos, dado que o processo de transição demográfica expõe desafios e oportunidades na educação e no mercado de trabalho para as instâncias públicas e privadas.

Para Cavalcanti (2001), a cidade é um espaço geográfico que é composto de objetos e de ações, não apenas como um arranjo de objetos, mas comporta a existência de pessoas e grupos. Logo, Harvey (2005) argumenta que o sistema capitalista é dinâmico, inevitavelmente expansível e cria uma força permanentemente revolucionária, que, incessante e repetidamente, reforma o mundo em que vivemos.

Nesta perspectiva, o Brasil, por algum tempo, foi reputado como um país de jovens, isto é, a base da pirâmide etária era mais larga do que o seu topo. Dessa forma, a partir de 1950, como o início da urbanização, o perfil populacional brasileiro iniciou uma mudança na qual a população passa a conviver nas cidades em detrimento das áreas rurais. A tendência que seguiu foi uma alteração no número de filhos por casal que implicou,

a longo prazo, em uma redução na taxa de fecundidade. De uma população predominantemente jovem, observou-se um contingente cada vez mais significativo de pessoas com 60 anos ou mais de idade (VASCONCELOS; GOMES, 2012).

Desse modo, a partir da segunda metade da década de 1960, houve uma constante redução da fecundidade. Essa queda foi notada em todo o território nacional ainda que se atente para as desigualdades econômicas, sociais e geográficas desse fato. O número de filho por mulher chegou a 6,28 em 1960, antes de diminuir para 2,38 em 2000. Assim, entre 2000 e 2010, houve uma variação na idade média da fecundidade. E, agora, a taxa de fecundidade é 1,7 e está abaixo da taxa de reposição da população (UNFPA, 2018).

Neste viés, a população brasileira envelhece ininterruptamente. As sequências de variação na estrutura populacional são visíveis e inevitáveis. Debret (2004) enfatiza que a preocupação da sociedade com o processo de envelhecimento deve-se, sem dúvida, ao fato de os idosos corresponderem a uma parcela da população cada vez mais representativa do ponto de vista numérico. Em 2010, existiam no país 20,5 milhões de idosos, aproximadamente 39 para cada grupo de 100 jovens. Estimam-se para 2040, mais que o dobro, representando 23,8% da população brasileira e uma proporção de quase 153 idosos para cada 100 jovens (IBGE, 2010).

No caso brasileiro, além do processo de envelhecimento populacional, tem-se o fenômeno da feminização da velhice, especificamente nas cidades, que é crescente e possui uma população idosa que é uma das maiores do mundo, em termos absolutos. Dados recenseados do Brasil mostram que o contingente feminino de mais de 60 anos de idade passou de 2,2%, em 1940, para 4,7% em 2000; e 6% em 2010 e, em 2050 as mulheres continuarão sendo maioria, com estimativa de população com 7 milhões de mulheres a mais do que homens (IBGE, 2010).

À vista disso, a feminização da velhice é um fato irreversível nas áreas urbanas. Esse fenômeno é uma manifestação do processo de envelhecimento demográfico e é acompanhado por uma transição de gênero de caráter mundial. Esse aspecto está relacionado aos padrões de sobrevivência de homens e mulheres (NERI, 2007). Nesse contexto, as mulheres idosas são apontadas como as precursoras de um envelhecimento distinto dos homens.

Em função do processo de envelhecimento demográfico, o sistema capitalista busca estratégias para que o mundo do trabalho não seja profundamente afetado e, para tanto, Muniz e Barros (2014) acrescentam que as empresas são cada vez mais exigentes por causa da lógica de acumulação capitalista e a utilização de mão-de-obra mais ágil, intensa que responda a elevação dos ritmos do trabalho e, por isso, ocorre uma exclusão ou um acesso mais custoso de trabalhadores idosos(as) ao mercado de trabalho.

Ademais, percebem-se os artifícios usados pelo mercado consumidor para influenciar os idosos(as) a se tornarem compradores vorazes de artigos e comodidades que “prometem” uma vida mais segura e longa. Debret (2004) expõe que o envelhecimento se tornou um mercado de consumo e, como resultado, não há espaço para a velhice. São diversificados tipos de serviços oferecidos a essa categoria social para que participem do fluxo contínuo de mercadorias e de produtos. Para esse fim, usa-se a mídia como um elemento fundamental na propagação das ideias de consumo, uma vez que a mídia, de todas as suas formas, está presente no dia a dia

determinando padrões, comportamentos e estabelecendo condutas.

Silvertstone (2005) infere que a mídia opera de maneira intensa. Ela tem o poder de moldar o cotidiano estabelecendo regras e referências para a vida diária. A mídia também depende do senso comum. Nesta continuidade, as interpretações que a sociedade confere a velhice são veiculadas pelos meios de difusão midiáticos e tendem a explorar sentidos, refutá-los ou referendá-los. Ferreira (2011) expõe que os discursos jornalísticos possuem eficácia simbólica, pois advêm de uma memória estabilizada sobre seus modos de funcionamento. Ainda, Pêcheux (2015) pondera que todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação. Ou seja, carrega elementos que induzem a formação de opiniões, de identidades e a preservação das que estão formadas socialmente.

Neste percurso, nota-se a visão da sociedade em torno da velhice e das noções de ser idoso(a). Ou seja, cada indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele (BEAUVOIR, 2018). Nisso, estão associados a língua, a mídia e as leis na interação das relações sociais (SILVA, 2007). A velhice detém suas peculiaridades tanto biológicas quanto sociais. O corpo humano envelhece como um processo natural da existência e a vida orgânica se deteriora naturalmente à medida em que os anos passam. As doenças a que somos acometidos podem comprometer o pleno funcionamento do corpo e dificultar a qualidade de vida nos anos finais. Por esse motivo, a humanidade absorveu essa condição e está consciente da fatalidade dessa alteração (BEAUVOIR, 2018).

Ao se falar sobre o processo de envelhecimento, alguns aspectos relacionados a sua construção social são amplamente disseminados em todas as classes sociais, entre eles, a visão distorcida do que seja ser “velho”. Neri (2003) indica que geralmente, o idoso(a) é visto como símbolo de dependência, sofrimento, solidão e percebem a velhice como a antessala da morte. Por outro viés, a velhice é rejeitada por meio da percepção do rejuvenescimento, da juventude “imorredoura”. Em razão dessas apreensões, é necessário considerar que a velhice está composta por seus condicionamentos sociais.

Construção social da velhice

A concepção social da velhice está envolta de definições que a nega, que a torna invisível. Nessa dinâmica, a memória está repleta dos discursos que a recusa ou a estigmatiza, uma vez que os veículos de comunicação mostram a indispensabilidade de manter-se jovem ou postergar a velhice com o propósito de “eternizar” a mocidade e os seus padrões. Essa memória faz parte de um processo social. Não são observadas individualmente, mas como fruto da interação durante o passar do tempo (SANTOS, 2012). Em função disso, existem diversos discursos a respeito do idoso(a) e da velhice. Nesta perspectiva, reputam-se os discursos como sendo dizeres que estão além das frases, que se exercita como uma ação sobre o outro (neste caso, a velhice) e que é produzido socialmente (MAINGUENEAU, 2015).

Desse modo, a velhice vai sendo coletivamente construída tendo por base os pressupostos da juventude ou do retardamento do envelhecimento contraditoriamente ao processo demográfico em que o Brasil está emergido. Cerqueira e Ribeiro (2017) dizem que existe uma enorme

exigência por rejuvenescimento acompanhando a sociedade na transição dos seus referenciais de envelhecimento.

Por essa razão, os ideais de beleza e virilidade são reforçados pelas “receitas” da atividade física, das dietas “milagrosas”, dos cosméticos de tecnologias avançadas fundamentados na boa aparência como sinônimo de bem-estar e felicidade garantidas. Silva (2007) compreende que tais discursos reforçam a divisão entre ser “permanentemente” jovem e, por um outro lado, ser “velho” e destinado a desejar a morte. A estruturação social da velhice se ancora na memória social. Os sentidos são concebidos na linguagem com base nas redes de memória que tendem a construir efeitos ininterruptos e que, ao mesmo tempo, estão em contínuo movimento ora se estabilizam, ora se deslocam (FERREIRA, 2016).

Todas as práticas sociais são reconhecimentos das concepções forjadas em variados momentos históricos que são reais no exercício do cotidiano e reproduzidas pelas gerações que constituem os múltiplos discursos sobre a velhice. Indursky (2011) comenta que a memória social se constitui à medida que os discursos confeccionados nos contextos históricos são revisitados, repetidos e regularizados.

Brandão (2012) considera que “[...] os efeitos de memória tanto podem ser de lembrança, redefinição, de transformação quanto de esquecimento, de ruptura, de denegação do já-dito”. Neste sentido, é fundamental compreender quais os sentidos que atravessam os discursos, quais os consensos e dissensos que os formam, quais os silenciamentos e o que, de fato, é dito e o que é escamoteado com relação a velhice e aos idosos(as). Ainda para a autora, a língua materializa discursos e, nessa relação, a linguagem enquanto discurso é diálogo que não possui imparcialidade ou neutralidade e, conseqüentemente, está atravessado pelas convicções formuladas previamente.

O envelhecimento populacional é um tema debatido e recorrente, especialmente, na mídia brasileira e é amplamente divulgada nos meios de comunicação, tais como: TV, jornais e periódicos. Assim, entra em cena o perfil de idoso(a) que se determinou para essa categoria social. Para que esse perfil seja massificado, a mídia tem um papel decisivo na veiculação e alterações de sentidos discursivos, seja por meio da linguagem verbal ou imagética (SILVA, 2007).

Cerqueira e Ribeiro (2017) reforçam que a imparcialidade da mídia é um mito desprovido de bom senso na contemporaneidade. Essas influências midiáticas possibilitam um distanciamento entre ser jovem e ser idoso(a). Debret (2004) igualmente aponta para o uso das tecnologias que promovem o rejuvenescimento e que pode contribuir para o distanciamento e a solidariedade entre as gerações.

Dessa forma, os discursos sobre o tema são continuamente preenchidos de simbolismos que retratam a juventude, a força física, a mocidade, a habilidade de manter-se no mercado de trabalho. Muniz & Barros (2014) argumentam que o trabalhador “velho” está colocado em um sistema econômico e financeiro que exalta quem é mais jovem e menospreza a presença do idoso(a) em função da própria lógica capitalista. Em vista disso, é exigido que nessa fase da vida se mantenham as atividades laborais como se não houvesse nenhuma transmutação no corpo e nas funções cognitivas e, nessa dinâmica, os discursos relacionados à velhice a rejeitam.

Discursos midiáticos e a negação da velhice

Após a seleção de imagens e a observação dos enunciados contidos nas três capas das revistas, anteriormente mencionadas, foram efetuadas as análises baseando-se nos pressupostos do método de Análise do Discurso, de linha francesa. Destarte, foi possível perceber que os destaques efetuados nas publicações insistiram em apresentar a necessidade de camuflar os aspectos da velhice e referendar os atributos pertinentes à juventude.



Figura 1 | Revista ISTOÉ, de 22 de fevereiro de 2000. Foto: Reprodução.



Figura 2 | Revista ISTOÉ, de 15 de maio de 2014. Foto: Reprodução.



Figura 3 | Revista Quem, de 24 de setembro de 2020. Foto: Reprodução.

Com base nas averiguações de todas as publicações mencionadas, observou-se que houve um retorno aos diversos ajuizamentos sobre a velhice e o envelhecimento. As três capas abordam essas questões trazendo à tona elementos da linguagem que induzem os leitores as memórias pré-construídas ao retomar sentidos que estão ligados com a temática em questão. Todos os conteúdos averiguados são materialidades discursivas, portanto, carregam ideologias que são veiculados nos periódicos impressos e digitais e é justamente nesse intrincado da linguagem e dos sentidos que o método de Análise do Discurso se efetiva. Para Orlandi (2015), esses discursos derivam seus sentidos nas formações discursivas que, neles, representam as formações ideológicas de onde são criados.

As imagens e seus comunicados são tomados de opacidade, dado que eles são atravessados por discursos que contradizem o próprio transcurso natural do envelhecimento. Ao retomar as conceituações desse perfil apresentado, resgatam-se os já-ditos e estes se relacionam com os significados pejorativos que ao longo dos anos são designados às pessoas que, cronologicamente, não são consideradas jovens.

Pêcheux (1999) infere que em toda ilustração há uma análise de discurso por um outro viés. Ou seja, não está apenas impregnado na imagem legível e transparente. As imagens estão atravessadas de sentidos pré-existent. Consoante Maingueneau (2015), os sentidos não estão nitidamente postos, não sendo diretamente acessíveis, mas se constrói e reconstrói no âmago das convenções sociais determinadas. A memória é atual. Tudo que é perceptível se relaciona com ela e as memórias estão repletas de sentido histórico. Elas são adensadas pelo viés cultural e, sobretudo, econômico. Para tanto, na lógica do capital toda a população envelhecida pode ser reinserida no mercado de trabalho – formal ou informal-, na esfera do consumo, nas relações cotidianas e, para tanto, é primordial a confecção de um perfil que se adequa as condições capitalistas dos modos de produção.

Os discursos materializados nas figuras reformulam e reproduzem noções e conceitos e esses devem ser popularizados, reiterados, posto que são constituídos de ideologias e servem a conjuntura atual, visto que os estudos discursivos objetivam refletir sobre os sentidos que são marcados no tempo e no espaço das práticas dos homens (ORLANDI, 2015).

Torna-se notório nas figuras avaliadas a apresentação do perfil de um idoso(a) que rejuvenesce com o passar dos anos, que está em constante movimento, que realiza atividades físicas, faz dietas e reeducação alimentar “para retardar a ação do tempo sobre o corpo”. Que mesmo sendo uma pessoa que envelheceu tenha uma aparência juvenil e, com isso, os aspectos da velhice são renegados.

Para uma melhor compreensão, as figuras a seguir serão analisadas separadamente. Na Figura 01, a edição da revista ISTOÉ, datada em 22 de fevereiro de 2000, expõe a foto do quadro da Mona Lisa, pintura de Leonardo da Vinci, porém com a imagem de uma idosa e não a de uma jovem mulher como na pintura original. Acompanhando essa ilustração há uma frase que diz: “para retardar a ação do tempo sobre o corpo, a promessa da medicina é a terapia genética”. Isso posto, expressa a urgência em correr contra o tempo, pois viver bem e viver melhor pressupõe fórmulas médica, dietas e exercícios físicos que atrasem a ação temporal sobre o corpo.

Ainda, a foto da capa exibe um rosto de uma mulher idosa. Existem frases sugerindo ao leitor que os centros de saúde e de estética estão empenhados em apontar que as supostas imperfeições corporais tais como: as rugas e as marcas de expressão são mutáveis e precisam ser escondidas, pois, eles revelam a idade avançada. Conforme Sibilia (2011), as rugas representam um agravo à tirania da pele lisa na atualidade.

Alves (2004) diz que existe uma manipulação ao apresentar a idade exercida por meio de um controle corporal que são oferecidos pela cirurgia plástica, pelos cosméticos, pelas atividades físicas e diversas dietas. Então, a ideia de rejuvenescer-se é posta como uma exigência do indivíduo, uma vez que há o reconhecimento de que a aparência física fora dos padrões de beleza pode ser um entrave para o convívio e a aceitação social. Os idosos(as) sabem o que significa essa experiência. Então, evitar ou retardar a ação do envelhecimento é um propósito com fins deliberados, qual seja: manter-se com uma identidade que, furtivamente, os ofereçam a juventude.

Esse ato sugerido na capa da revista ISTOÉ, em questão, indica que não há sujeito sem ideologia mesmo que não haja a clara evidência dela. Para tanto, ideologia e inconsciente estão materialmente ligados (ORLANDI, 2015). Essa percepção manifesta que a forma de vida (do idoso(a)) acaba sendo determinada pela sociedade na qual está inserido (BEAUVOIR, 2018).

Ao prosseguir na análise, na figura 02, da edição da revista ISTOÉ, de 15 de maio de 2014, encontra-se um destaque na capa da revista com a seguinte mensagem: “Envelhecer BEM (com letras maiúsculas): os segredos de quem tem qualidade de vida na terceira idade e o que fazer para chegar lá de forma produtiva e feliz. Saiba quais são as oportunidades de trabalho, lazer e bem-estar para os idosos no Brasil”. Isso significa dizer que existem segredos a serem revelados para aqueles que desejam viver bem, deduzindo que existe uma forma de vivenciar mal a velhice, caso não estejam de acordo com o modelo implementado. Orlandi (2015) afirma que toda palavra

é parte de um discurso e se delinea na relação com dizeres que estão vigentes na memória.

Dessa forma, as falas determinam as atitudes que devem ser seguidas para quem deseja ser feliz nessa fase da vida. Além disso, na fotografia destaca um idoso com uma aparência bem vestida, de maneira jovial e sentado em uma moto. Desse modo, existe a representação do contemporâneo, do aventureiro e remete ao movimento que contraria a inércia que é fruto das representações sociais sobre quem envelhece. À vista disso, Pêcheux (2015) reputa que todo enunciado pode vir a ser alterado, se deslocar discursivamente do seu sentido e desviar-se para outro.

Ainda sobre a figura 02, ao observar o homem idoso com trajes juvenis é possível cogitar que a velhice não foi devidamente representada ou até supor que àquela atitude, àquela roupa não simboliza devidamente o idoso(a) de acordo com os pré-construídos sobre uma velhice decrépita e deteriorada. Silva (2007) argumenta que todo discurso se relaciona com a memória que se torna um sustentáculo em função de sentidos que estão alicerçados nas ações diárias e são vistas como habituais e comuns.

Da mesma maneira, a figura 03, da edição da revista QUEM, de 24 de setembro de 2020, mostra a imagem de uma personalidade brasileira bastante conhecida na mídia televisiva. Na capa consta a seguinte frase “Espero que as pessoas me deixem envelhecer com todas as minhas rugas”. Inicialmente, há uma solicitação para que a sociedade a permita experimentar a velhice sem se esconder dessa realidade. Para Barros (2003) a velhice está ligada a conceitos depreciativos, entre eles, solidão fim da vida e a morte. Por isso, as concepções sociais estereotipam negativamente a velhice. Logo, essa memória é recordada ao fazer o pedido quanto a viver a velhice com “todas as minhas rugas”. Então, constata-se que as categorias de idade são construções sociais, uma vez que o tempo social é coletivamente construído (MOTTA, 2011).

A expressão “com todas as minhas rugas” deduz que para as mulheres idosas, diferentemente dos idosos, as rugas, a flacidez da pele envelhecida e os cabelos brancos não são aceitos como padrão de beleza desejado pela sociedade. É preciso usar artifícios para o controle de expressão da velhice ou até mesmo para encobri-la (BARROS, 2003). Nota-se que os arquétipos físicos que persistem no imaginário social reputam como inconciliáveis a beleza corporal e a velhice.

Nesse contexto, Courtine (2009) apresenta a memória discursiva se referindo a existência histórica dos enunciados no interior das práticas discursivas que são normatizados por aparelhos ideológicos. Tudo isso é retomado nos discursos sobre o corpo. Ele está sujeito a regras sociais e é representado como um simbolismo dentro dos grupos. Há uma explícita demonstração de que conservar o corpo com uma aparência estética aceitável é sinônimo de receptividade social embora seja idoso.

Goldenberg (2006) apresenta o valor doado ao corpo na atualidade, pois esse tem sido julgado como mais importante do que o vestuário. Ele torna-se a vestimenta e deve ser exibido, deve ser escultural, manipulado, produzido, priorizado, copiado. O corpo é quem faz a moda e a roupa serviria apenas para valorizar e expô-lo, pois pertence a volatilidade dos modismos. Então, compreende-se que existe uma desaprovação do corpo envelhecido estabelecido nos discursos existentes nas figuras das revistas avaliadas. O corpo

está sob constante vigilância para que possa ser cultuado (SIBILIA, 2011). Ou seja, até inconscientemente há uma rejeição quanto aparência real do corpo envelhecido.

Desse modo, as imagens e frases que compõem as capas das revistas averiguadas sugerem a formação de um sujeito idoso que é marcado pelas condições históricas e sociais do tempo presente. São expostos um jogo de palavras que revela conflitos e convicções. Silva (2007) consente que as condições de produção vão ditar as reflexões sobre a realidade, uma vez que todo dizer é sempre histórico. Por consequência, os enunciados expõem um perfil envolto das características da mocidade e desconsidera a velhice como um evento biológico e natural, afinal é real e sobrepuja a história.

Com isso, percebe-se que os discursos escamoteados nas publicações estão presentes nos entremeios do que foi dito e se relaciona com o que não foi explicitado, apenas com a finalidade de repudiar a velhice e suas restrições. As ideias lançadas servem para promover o apagamento do real. “Quando o homem, em sua história, percebeu o silêncio como significação, criou a linguagem para retê-lo”. (ORLANDI, 2007, p. 27). Esses silenciamentos interessam para massificar padrões e estereótipos constituintes do jogo de poder econômico e social.

Nesta perspectiva, entende-se que o idoso(a), para se sentir integrado na sociedade e no seu espaço de vivência, precisa encontrar meios de experimentar esse período da vida como alguém que não sofre os efeitos da passagem do tempo, e continua eficaz para o mundo do trabalho como uma forma de “manter-se vivo e ativo”. Em contrapartida, julga-se que o tornar-se “velho” é sinônimo de morte, incapacidade, dependência e irrealização. Orlandi (2015) indica que textos e discursos se relacionam e acabam por formar um intrincado nó de discursividade. Pêcheux (2015) argumenta que a manipulação de significados estabilizados e as mutações dos sentidos fazem parte do objeto da linguística que é o próprio da língua.

De acordo com Pêcheux (2014), a língua se apresenta como o suporte para processos discursivos diferenciados, visto que a ideologia não pode ser escondida, pois está na base da relação necessária entre linguagem e mundo. Ela é passível de manipulações para que o sujeito idoso se sinta responsável por sua inserção social. Neste sentido, as mudanças de hábitos e atitudes são colocadas como se fossem uma decisão individual e unicamente sob sua responsabilidade a busca pela autonomia ao envelhecer.

No entanto, é imprescindível recordar que na Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, no Estatuto do Idoso, salienta no art.3º a obrigatoriedade da família, da comunidade e do Poder Público a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, etc. Consequentemente, o idoso(a) deve ser amparado pelo Estado com relação também a sua inserção social. Não é uma ação do indivíduo, mas da sociedade como um todo. Para Lopes (2006), quando se aplica essa responsabilidade como única e total do indivíduo se exime a coletividade de participação nesse transcurso.

Dessa maneira, há uma perpetuação da percepção da velhice que se vincula a aspectos negativos e a homogeneização, como se todos envelhecessem de maneira semelhante e nas mesmas condições (D’ALENCAR, 2007). Por outro lado, existe a exigência do rejuvenescimento como se todos os idosos(as) tivessem apenas esses dois caminhos para vivenciar a velhice. Nessa dinâmica, é notório salientar

que o envelhecimento não tem um sentido uno. Existem diferentes experiências referentes a esse processo. Isso, sobretudo, se aplica as questões de gênero em que possuem dessemelhanças em quase todas as sociedades. Ou seja, os variados contextos sociais, culturais e econômicos demonstram a heterogeneidade nessa trajetória.

Portanto, os materiais midiáticos averiguados retomam pela memória a real e límpida condição do idoso(a) na vida social, ainda que pretensamente exponham um perfil do “novo idoso(a)”. Há relação e conflitos de sentidos que parecem não se esgotar, afinal estão subsidiados pelos reflexos das contradições sócio-históricas. Observa-se que o processo de envelhecimento é perceptível, inegável e irreversível. Porém, ele aparece travestido de adversidade, de desequilíbrio e só será útil para o mundo do trabalho e para o “bom” funcionamento da sociedade capitalista caso esteja dentro dos moldes estipulados para essa categoria social, por isso nas capas das revistas verificadas apresentam a perspectiva de um “novo perfil” que atenda aos interesses do capital na contemporaneidade.

Considerações finais

Ao contrário das palavras de Victor Hugo (1808-1885), no poema Desejo “[...] e que sendo velho, não se dedique ao desespero porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e é preciso deixar que eles escorram por entre nós”, infere-se que nas figuras e nos discursos investigados são usados mecanismos ideológicos para anunciar que os idosos(as) devam se manter jovens, remoçados, constantemente saudáveis e com uma aparência estabelecida pelos dos padrões de beleza vigentes. Todavia, esses discursos revelam a negação da velhice e as complexidades inerentes ao envelhecimento.

Todas as conceituações sobre essa categoria social que produzem o “novo idoso(a)” são dotados de sentidos para o mundo do trabalho quando entrelaçados com os ditames do capital, posto que para a empregabilidade é necessário o vigor, a energia, a agilidade e habilidades de pessoas reputadas como jovens. Com isso, entende-se que há discursos dominantes que sobressaem e se materializam nas capas das publicações mencionadas e, simultaneamente, constituem significação e significantes impondo limites aos idosos(as) para que esses sejam aceitos, respeitados, valorizados e profícuos na lógica da acumulação capitalista.

No entanto, essas análises devem servir para a reflexão da realidade em que toda a sociedade está inserida. Os idosos(as) já não estão mais enclausurados em seus lares pelo fato de terem envelhecido. Eles pertencem aos espaços urbanos, as universidades, aos centros de convivência, aos grupos voluntários de apoio a outras pessoas, aos bailes, estão no mercado de trabalho formal e não-formal. Se manifestam nas redes sociais, no cenário político das discussões sobre aposentadoria, políticas públicas de assistência e atenção a pessoa idosa. Neste patamar, as idosas, por exemplo, estão chefiando famílias, criando netos e se tornando agentes de amplas modificações sociais. São cuidadoras de suas mães, são artesãs, feirantes, a título de exemplo, e sua renda é fundamental na manutenção de famílias.

É vital atentar para as transições que estão sendo apresentadas, mesmo que de forma tímida, sobre os aspectos comportamentais dos idosos e idosas no espaço urbano. O sujeito idoso é mensageiro de experiências, de lutas e memórias que os inscreveram na história da cidade, na

constituição dos lugares, na geração de bens e na vida familiar. Os idosos(as) estão envolvidos nas mutações sociais e definem inovadoras expectativas quanto à sua participação como sujeitos do seu tempo. A velhice pode ser um momento que oportuniza a construção de caminhos e novas percepções que fujam de rotas pré-determinadas, sobretudo, porque a velhice deixou de ser um assunto particular para ser discutido na esfera social e política. Conforme Borges (2003), as ações direcionadas aos idosos têm com prerrogativa o crescimento da discussão sobre políticas sociais e não apenas como um benefício.

Essa categoria social está ligada a uma reconstrução da velhice que fuja dos elementos atados às imagens e representações das mazelas do envelhecimento e, igualmente, das condições supostamente ideais em que a velhice se tornaria a “eternização” da juventude. É essencial que a velhice possa ser pensada dentro da esfera das transformações culturais, pois as reconstruções sociais devem permear as alterações demográficas com o intuito de proporcionar uma recriação da relevância de ser um idoso(a) na contemporaneidade. Sabe-se que as desconstruções sociais não são fáceis, porém é uma tarefa necessária para a conquista da cidadania, para a luta por direitos e o exercício dos deveres das pessoas idosas. Todo discurso carrega em si as representações de uma sociedade, portanto é fundamental o conhecimento aprofundado das construções sociais em torno da velhice para que se possa promover as elucubrações primordiais para as mudanças de âmbito coletivo.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à pesquisa do Estado da Bahia-FAPESB.

Referências

ALVES, Andréa Moraes. Algumas reflexões sobre sexo, idade e cor. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 17, n. 42, p. 357-364, Set./Dez. 2004.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Tradução Maria Helena Franco Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BORGES, Maria Cláudia Moura. O idoso e as políticas públicas e sociais no Brasil. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire. *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003. (Coleção velhice e sociedade).

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 3ª ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

BRASIL, IBGE. *Censo demográfico*, 2010. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

BRASIL. Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003. *Estatuto do idoso*. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 29 e agosto de 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A privação do urbano e o “direito à cidade” em Henri Lefebvre. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; ALVES, Glória; PÁDUA, Rafael Faleiros de. *Justiça espacial e o direito à cidade*. São Paulo: Contexto, 2018.

CAVALCANTI, Lana de Souza (org.). *Geografia da cidade: a produção do espaço urbano de Goiânia*. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.

CERQUEIRA, Monique Borba; RIBEIRO, Aline Ângela Victoria. Semânticas do envelhecimento- modos de envelhecer nos anos 70. In: D’ALENCAR, Raimunda Silva (org.). *A representação social na construção da velhice*. Ilhéus, Ba: Editus, 2017.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: EDUFSCAR, 2009.

D’ALENCAR, Raimunda Silva (org.). *A representação social na construção da velhice*. Ilhéus, Ba: Editus, 2017.

DEBRT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processo de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2004.

FÉLIX, Jorge. O idoso e o mercado de trabalho. In: CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. *Política nacional do idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

FERREIRA, Lúcia Maria Alves. Discurso, imagem e redes de sentido: quando o acontecimento jornalístico escreve a história do presente. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.) *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

FERREIRA, Lúcia Maria Alves. Memória e esquecimento na língua. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco R. de; GONDAR, Jô (orgs.). *Por que memória social?* Rio de Janeiro: Híbrida, 2016. 379.

GOLDENBERG, Miriam. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. *Arquivos em Movimento*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, julho/dezembro, 2006.

HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2005.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.) *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Diversidade na velhice: reflexões. In: Miranda, Danilo de; VÉRAS, Maura Pardini

Bicudo; FERRIGNO, José Carlos et al. *Velhices: reflexões contemporâneas*. São Paulo: SESC: PUC, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Tradução: Sírio Possenti. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MOTTA, Alda Brito da. *As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento*. Caderno Pagu. (13) 1999, p. 191-221.

MUNIZ, Tatiana da Silva; BARROS, Albani. *O trabalhador idoso no mercado de trabalho do capitalismo contemporâneo*. Cadernos de Graduação. Ciências Humanas e Sociais. Maceió, v. 2, n.1, p. 103-116, maio 2014.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e crenças sobre velhice: análise de conteúdo de textos do jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire (Orgs). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. p. 13-54. Campinas: Átomo Alínea, 2003.

NERI, Anita Liberalesso. Feminização da velhice. In: NERI, Anita Liberalesso (org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESCSP, 2007.

NIQUETTI, Ricardo. Deleuze e os devires minoritários na velhice. *Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política*, São Paulo, v. 9, n. 27, p. 114-136, out. 2016-jan.2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discursos em análise: sujeito, sentido, ideologia*. 3 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi et al. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni P. Orlandi – 7ª edição, Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. *O papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Memória coletiva e teoria social*. São Paulo: Annablume, 2ª ed, 2012.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. *Discursos, velhice e classes sociais: a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica*. Maceió: EDUFAL, 2007.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* Tradução: Milton Camargo Mota. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas. *Fecundidade e dinâmica da população brasileira*, 2018. Disponível https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/sumario_executivo_br_1.pdf. Acesso em 14 de setembro de 2020.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; GOMES, Marília Mirante Forte. Transição demográfica: a experiência brasileira. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 21, n. 4, p. 539-48, 2012.

Apêndice

Reimpressões e permissões

Informações sobre reimpressões e permissões estão disponíveis no site da RBCEH.

Informações da revisão por pares

A RBCEH agradece ao(s) revisor(es) anônimo(s) por sua contribuição na revisão por pares deste trabalho. Relatórios de revisores por pares estão disponíveis no site da RBCEH.

Resumo do relatório

Mais informações sobre o desenho da pesquisa estão disponíveis no site da RBCEH, vinculado a este artigo.

Conflitos de interesses

Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

Correspondência

A correspondência e os pedidos de materiais devem ser endereçados a N.C.S. I ndiasampaio@yahoo.com.br.

Vínculo institucional

¹Instituto Federal da Bahia, Vitória da Conquista/BA, Brasil.